

RESSIGNIFICANDO AS VISÕES DE CORPO E SUAS IMPLICAÇÕES EDUCATIVAS: AS TRAVESTIS EM FOCO

Julián Asaff Azevedo¹

Warley Carlos Souza²

Marcelle Karyelle Montalvão Gomes³

Marly Augusta Lopes de Magalhães⁴

Resumo: Objetivamos analisar por meio deste artigo o que representou o processo de escolarização das travestis nas aulas de Educação Física Escolar e, dessa forma, contextualizar a história do corpo com momentos fortemente marcados na contemporaneidade. Bem como, um convite à reflexão, pois apesar de aparentemente simples, pode ser tomado como exemplo, não só para os profissionais da Educação Física, mas que possa sensibilizar outros profissionais, a fim de alcançar outras questões sociais de grande relevância para a inclusão social. Apesar da amplitude do assunto, tivemos a oportunidade de mostrar que o tema pesquisado foi bastante relevante, pois não significou que toda e qualquer possibilidade fosse esgotada, ao contrário, novas realidades se afloraram e abriu-se um novo olhar para o mundo das travestis no processo de educativo, o que caracterizou uma mudança singular nas estruturas da pesquisa, apoiada em um discurso que valoriza o indivíduo em suas relações humanas na contemporaneidade. Para o desenvolvimento de nossa investigação utilizamos a pesquisa qualitativa com características etnográficas, pois consideramos que os fenômenos humanos e sociais nem sempre podem ser somente quantificáveis, bem como, os fundamentos da pesquisa bibliográfica, pois acreditamos que o pesquisador necessita buscar na bibliografia especializada conhecimentos científicos para os embasamentos relacionados ao seu estudo. Como resultados, apresentamos um breve histórico da experiência vivenciada em nossa investigação sobre a presença das travestis em escolas públicas urbanas e, ao mesmo tempo, destacamos a necessidade de participação mais ativa destas jovens no processo de integração social, sobretudo, no plano educacional.

Palavras chave: Educação Física Escolar. Corpo. Gênero.

RESIGNIFYING BODY VIEWS AND ITS EDUCATIONAL IMPLICATIONS: TRANSVESTISES IN FOCUS

Abstract: We aim to Analyze trough this article what the schooling process from transvestites represented in physical education classes and, in this way, contextualize the history of the body in the contemporaneity. As well, it is a call to reflection, because although apparently simple, it can be taken as an example, not just for physical education professionals, but can sensitize other professionals, in order to reach other matters of great conversions to the social

¹ Graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Mato Grosso, Campus do Araguaia. Docente da rede Municipal de Ensino na cidade de Aragarças, GO. E-mail: julian_azevedo@hotmail.com.

² Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Docente na Universidade Federal do Mato Grosso, Campus do Araguaia. E-mail: warleycarlos@yahoo.com.br.

³ Mestranda em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professora da Educação Básica pela SEDUC/MT. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1289695910245331>. E-mail: marcelle_karyelle@hotmail.com.

⁴ Doutora em Ciências Linguísticas pela Universidad Central de Las Villas (UCLV), Cuba. Professora Associada do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0193075755864121>. E-mail: professoramarlyaugusta@gmail.com.

inclusion. Despite the breadth of the subject we had the opportunity to show that the researched topic was quite relevant because it did not mean that each and every possibility was exhausted, on the contrary, new realities emerged a new look was open to the transvestites world at the educational process, which characterized a singular change at the research structures, supported by a discourse that value the individual in the contemporary human relations. To the development of our investigation, we used the qualitative research with ethnographic characteristics, as we consider that human and social phenomena cannot always be quantifiable, as well as the foundations of bibliographic research, as we believe that the researcher needs to seek scientific knowledge in the specialized bibliography for the foundations related to his study. As results , we present a brief history of the experience lived in the investigation about the presence of transvestites in urban public schools, at the same time we emphasize the need of a more active participation of these young people at the social inclusion process, especially in terms of education.

Keywords: School Physical Education. Body. Genre.

REENCUADRANDO LAS VISIONES DEL CUERPO Y SUS IMPLICACIONES EDUCATIVAS: TRAVESTIS EN FOCO.

Resumen: Nuestro objetivo fue analizar a través de este artículo lo que representó el proceso de escolarización de travestis en las clases de Educación Física Escolar y, de esa forma, contextualizar la historia del cuerpo con momentos fuertemente marcados en la contemporaneidad. Así como una invitación a la reflexión, porque aunque aparentemente simple, puede ser tomado como un ejemplo, no solo para los profesionales de la Educación Física, sino que puede sensibilizar a otros profesionales, con el fin de llegar a otros temas sociales de gran relevancia para la inclusión social. A pesar de la amplitud del tema, tuvimos la oportunidad de demostrar que el tema investigado era bastante relevante, pues no significaba que se agotaran todas y cada una de las posibilidades, al contrario, surgieron nuevas realidades y abrieron una nueva mirada al mundo de las travestis en el proceso de escolarización del mundo, que caracterizó un cambio único en las estructuras de investigación, sustentado en un discurso que valora al individuo en sus relaciones humanas en la contemporaneidad. Para el desarrollo de nuestra investigación, utilizamos la investigación cualitativa con características etnográficas, ya que consideramos que los fenómenos humanos y sociales no siempre pueden ser cuantificables, así como los fundamentos de la investigación bibliográfica, ya que creemos que el investigador necesita buscar el conocimiento científico en la bibliografía especializada para los fundamentos relacionados con su estudio. Como resultado, presentamos una breve historico de la experiencia vivida en nuestra investigación sobre la presencia de travestis en las escuelas públicas urbanas y, al mismo tiempo, destacamos la necesidad de una participación más activa de estas jóvenes en el proceso de formación social. la integración, sobre todo, en el ámbito educativo.

Palabras Clave: Educación Física Escolar. Cuerpo. Género.

Introdução

“O ser humano será sempre mais do que as abstrações, a carteira de identidade, o título de eleitor, o alistamento, o discurso na praça. Seus direitos não dependem das declarações, mas decorrem da sua natureza”. (POLLETTI, 2014, p. 10).

Projeto que nos uniu e no qual reconhecemos sua relevância política e intercultural, nos traz questões importantes a serem discutidas no que se refere à definição do corpo das Travestis e suas implicações educativas. Dessa forma, respeitamos os argumentos obtidos por meios de dados produzidos pela união de corpos que falam de suas angústias, de preconceitos, medos e, sobretudo, da discriminação social. Em nossas entrevistas ouvimos histórias de dores, tragédias, decepções, alegrias, acontecimentos que são resultados das relações sociais. Assim, os meses de buscas e convivências nos trouxeram novos momentos e novas fases. Mesmo com várias críticas, elogios e sugestões conseguimos os nossos objetivos com a pesquisa.

Cada entrevista foi cuidadosamente construída e, acima de tudo, respeitada para que pudéssemos desenvolver um trabalho que ficasse registrado como nosso respeito para com as pessoas que colaboraram para o sucesso de nossa investigação. Pois acreditamos que os aspectos culturais não podem ser dissociados da realidade, respeito e cultura caminham juntos, portanto, a nossa atenção primordial foi de agregar conteúdo sobre a realidade das Travestis, em ambiente de escolarização, de forma respeitosa e descontraída. Sabemos que todo o nosso esforço foi válido, a fim de que registrássemos os fatos de forma a atingir a nossa expectativa.

Apresentamos, em nossa pesquisa, relatos de tradicionais a inéditos, portanto, é passível de inúmeras interpretações não só acadêmicas, mas sobretudo, de interpretações pessoais que frequentemente, são apresentados de acordo com as definições do conhecimento.

Assim, o intuito foi verificar como se dá a integração desses seres humanos no sistema educacional, principalmente, no curso de Educação Física, como parte das políticas públicas governamentais que abrangem o âmbito social de reconhecimento das Travestis como cidadãos que possuem o direito de integração em todos os ambientes sociais. É necessário reconhecer que as esperanças despertadas pela Constituição Federal de 1988, ainda continuam inertes, dessa forma, incapazes de assegurar o bem-estar das Travestis no contexto

social e educacional. Dessa forma, surgia a união de esforços de pequenos grupos que vêm trabalhando em equipe a fim de atingir o objetivo comum que sempre existiu, pois como sabemos, o homem, como ser social, sempre necessitou do outro para garantir sua sobrevivência, bem como, seu desenvolvimento social e cultural.

Dessa forma, o corpo, para Abbagnano (2000, p. 211), pode ser interpretado de várias maneiras, sob o olhar atento, percebemos que uma delas está fortemente marcada no mundo moderno e pós-moderno e, assim, o corpo é visto como alternativas idealistas, em que ele tem uma representação. Portanto, com esta interpretação rompemos certos paradigmas de que o corpo é inferior à alma, pois nos princípios modernos e pós-modernos o corpo, passa a ser visto como representação de diferentes grupos dos quais ele pode pertencer. Assim, essas normas devem ser perseguidas dentro de um sistema disciplinar, a fim de impor restrições necessárias para manter a segurança e o respeito aos travestis na vida comunitária.

Dentre os importantes princípios básicos na perspectiva moderna e pós-moderna, o corpo deixa de ser sólido e passa a ter várias representações, isto é, ele sofre diversas mutações, se adapta em vários momentos e ganham os espaços que merecem. Mas nem sempre o corpo que sofre estas mudanças, é visto pela sociedade como um corpo “normal”, pois muitos agrupamentos de corpos são vistos de maneira marginalizadas e excluídas. Faz-se necessário salientar que, para entendermos o porquê de esses grupos serem vistos dessa maneira, precisaremos voltar na história para compreender o conceito de corpo e identidade, do qual sempre foi politicamente disciplinado.

Para Bauman (2005), a identidade do homem era de pertencimento a uma nação, cada Estado era responsável por seu indivíduo, sendo assim, quem ditava os costumes, morais e éticos era totalmente o Estado. E esses costumes se desenvolviam com o tempo e a sociedade, trazendo com ele a tradição do que era ser homem e ser mulher. Esta identidade está fortemente marcada na modernidade, pois, a identidade sólida além de fazer com que o sujeito tivesse um lugar fixo, dava a ele a segurança de uma família com costumes enraizados em contexto religiosos.

Conforme Sennett (2003), o corpo para os Gregos e Espartanos era visto de maneira diferente, pois o corpo representava uma ligação com a divindade, entretanto, não servia apenas para isso, o corpo dos homens era um corpo exposto nos jogos olímpicos, pois ele deveria ser forte e musculoso, mas os gregos acreditavam que deveriam cuidar do corpo e da mente, pois eles eram levados ao ginásio para aprender a ler e escrever e, a partir disso,

poderiam participar dos grandes debates, uma vez que, para os espartanos finalidade era para as guerras, assim, o corpo deveria ser mais forte e musculoso.

Essa diferença não acontecia somente para os homens gregos e espartanos, mas sobretudo, para as mulheres, no caso das espartanas, elas treinavam no ginásio para seus corpos ficarem fortes, não descartando a possibilidade da maternidade. Nesse sentido e, em consonância, com os acontecimentos da época, no que se refere a cultura dos espartanos a preferência deveria ser para sexo masculino uma vez que, os homens eram preparados para a guerra e, assim, deveriam nascer saudáveis para que pudesse lutar. De acordo com a cultura da época, os homens eram destinados à guerra e, dessa forma, cabiam as mulheres os serviços domésticos. Assim como as mulheres espartanas, o corpo era também, para as mulheres gregas, destinado a maternidade. Neste período, acreditavam que uma gravidez tranquila, era uma das principais condições para que a criança fosse do sexo masculino.

Na transição que ocorreu da Idade Média para a Idade Moderna, poucas coisas mudaram, pois ambas vêm carregadas com princípios religiosos. É inegável que o princípio mais forte seria o casamento. Tendo como base a hierarquização de costumes já enraizados, de que o homem é o sujeito provedor, isto é, aquele que deveria colocar o sustento da família, em casa, bem como, àquele que dita às regras, apresentando-se como o ícone mais forte e, que, portanto, deve ser respeitado, sem dissociar, contudo, a sua fé ligada à igreja católica.

Acrescentamos, ainda, nesse contexto que, com a revolução francesa o homem deixa a propriedade rural para viver nos grandes centros urbanos e, assim, a par de seus direitos, passaram a reivindicar alguns princípios, básicos como: liberdade, igualdade e fraternidade, ou seja, todos deveriam ter direito iguais, assim, poderiam ter acesso à escola e, conseqüentemente, melhorar sua formação humana, independente das condições masculina e feminina. A escola da Idade Moderna era marcada, sobretudo, pela presença das mulheres, que tiveram pela primeira vez acesso à educação, pois até o presente momento quem frequentava a escola era apenas os homens

Diante disso, a escola passa a ser vista como uma fonte de produtividade, pois ela iria preparar o jovem para a vida e para o mercado de trabalho, devemos salientar que o responsável para que essa educação fosse igualitária era o Estado, portanto, a identidade dos jovens foi formada de acordo com que o Estado ordenava, pois, ele era responsável pela sociedade, trazendo-a de maneira organizada e sólida. Isto significava que a escola era de suma importância para o mercado de trabalho, entretanto, nunca existiram dados que

comprovassem que empregos bem remunerados estariam à disposição da maioria destes alunos.

O caminho em questão

O que podemos observar, na verdade, outro avanço relevante para as mulheres, após a revolução francesa, foi movimento feministas. Dessa forma, as mulheres passaram a ter domínio sobre o seu próprio corpo. Faz-se necessário salientar, ainda, que as mulheres passaram a ter suas próprias decisões com relação a seus ideais de maternidade.

Por meio dessas, e outras conquistas do movimento feminista as mulheres conquistam o direito de poder trabalhar nas indústrias, a ser a salariada a não depender somente do sustento do homem.

Assim, com o desenvolvimento da história inicia a primeira revolução industrial, em que os comerciantes que tinham seus pequenos comércios dentro da cidade começam a repensar o trabalho, aumentando assim sua produtividade e, conseqüentemente, a mão de obra. Nesse formato organizacional, desenhou-se um breve histórico das experiências vivenciadas nos últimos acontecimentos da Revolução Industrial, o que antes exigia uma atuação sensível do corpo, passou-se a exigir o desenvolvimento de um corpo insensível, ou seja, necessitavam ser fortes e resistentes para prosseguir na grande jornada de trabalho, esse fato ficou bem marcado no filme tempos modernos de Charlie Chaplin.

E virtude do aperfeiçoamento mundial, a segunda revolução industrial já aconteceu com a utilização das novas tecnologias, iniciando-se, assim, à pós-modernidade. Com este avanço tecnológico, as indústrias passaram a ter um olhar capitalista, outro fator a se considerar é que, o corpo precisava ser forte para resistir à nova jornada de trabalho, bem como, a manutenção e o manuseio de ferramentas e máquinas modernas. Aparentemente, tratava-se de ações humanas consideradas simples de serem executadas, porém, na prática, as ações eram mais complexas. Esse tipo de ações coletivas e individuais exigia de cada indivíduo extrema lucidez, pois deveriam compreender, de fato, o que cada ato significava.

Estas premissas, de modo geral, impactaram sobremaneira o sistema educativo. Pois muitos dos problemas educacionais enfrentados pelos jovens surgiram dos conflitos internos relacionados a própria convivência humana, uma vez que, estando juntos, manifestavam pontos de vistas divergentes.

Dessa forma, as escolas através de suas práticas educativas, deveriam criar oportunidades básicas para que o conhecimento dos jovens fosse construído, uma vez que ela possui o compromisso de proporcionar aos estudantes condições e atividades que lhes permitiriam produzir permanentemente seu próprio saber em um processo sociointeracional. E, assim, pudessem mostrar a sociedade o valor de um ser atuante no reconhecimento de seus direitos e deveres, sobretudo, na utilização de seus corpos. Desenvolvendo as diversas maneiras que o ser humano tem para expressar seus sentimentos não só por meio de palavras, mas sobretudo, por meio dos gestos e expressões corporais.

Neste contexto, das novas tecnologias, o corpo passa a ser visto como uma mercadoria, ou seja, não há tempo disponível para se dedicar a estética corporal como acontecia. Por essas razões, foi necessário que o homem começasse a mudar mais uma vez os seus próprios princípios, comprometendo, sobremaneira, o tempo disponível para permanecer com suas famílias.

Por todo o exposto, não falamos de uma situação simples, mas de algo que modificou uma grande estrutura social, com as novas tecnologias não foram preservados os direitos e garantias dos cidadãos, ou seja, o homem perdeu suas fronteiras individuais e coletivas, criou-se uma distinção, um distanciamento, enfim, um antagonismo. Além de ofensas aos princípios pessoais, perda de estímulos à eficiência, o que não deixou de ser um grande estímulo a acomodação, leniência pessoal. Com relação as nossas observações, o modo de produção capitalista abriu as portas para as práticas medicinais e, assim, tais ocorrências passaram a fazer dos horizontes não só feminino, bem como masculino, acreditando que não havia corpos humanos que não poderiam ser modificados, uma vez que, muitos sonhavam em ter um corpo perfeito, com base nesta premissa deixavam o corpo criado por Deus, para se obter um corpo desenhado e esculpido pelas mãos dos médicos.

O incessante avanço das pesquisas médicas, principalmente na área da genética humana, obriga o cidadão a fazer uma reflexão de sua realidade e a se transpor para uma nova era liderada pela biotecnologia-ciência, em medicina, direito e ética se entrelaçam tão espetacularmente e rompem a barreira do inimaginável, acabando por afetar os pacatos conceitos do homem, pela complexidade de seus meios e resultados. (JÚNIOR, 2012, p. 20).

Dessa forma, os interessados na mudança de seus corpos deveriam ser esclarecidos, de forma detalhada, sobre todo o procedimento a que seriam submetidos, bem como, ser

resguardados por documentos legais sobre os riscos e as transformações ocorridas, a fim de evitar desconforto a todos os envolvidos.

Entretanto com todas as mudanças que o corpo sofreu e, ainda sofre, era necessário empenhar esforços para que as coisas começassem a tomar formas em suas novas condições, de outra forma, corriam o risco de aumentar as polêmicas em torno da transformação, como acontecia na Grécia, o homem que assumisse a homo afetividade perante a sua sociedade, assumia o papel de inferioridade, isto é, o da mulher, já na Idade Média as mulheres que não cumprissem com as regras imposta eram consideradas bruxas e queimadas em praças públicas.

E, assim, persistiam as opiniões entre aqueles que eram considerados mais sábios e poderosos, ou seja, aqueles que agregavam maiores poderes, principalmente, os que eram considerados mentes privilegiadas por deterem o poder e a força.

Considerando-se aos antigos parâmetros, esse pensamento sobre as mulheres durou até a chegada dos ideários pós-modernos.

Podemos dizer que, com o advento da Pós-Modernidade, tais qualidades relacionadas ao corpo não se perderam, ao contrário, aumentaram e se aperfeiçoaram.

Passaram a ser consideradas obras de arte, pois as fotos deixaram de estar em álbuns para estarem expostas na pele, não havia mais a necessidade de declarações de amor bastava apenas um símbolo desenhado na pele, para que essa fosse entendida, bem como, a oração e a crença saíssem do papel para serem estampadas na pele.

Diante do exposto, Pires (2009) em sua obra relata que este corpo, cheio de cicatrizes não é mais visto como alta mutilação, pois, cada indivíduo escolhe o que pode fazer com o seu próprio corpo, as suas formas podem ser alteradas com cirurgias, tatuagens, piercing e, outras coisas, pois nada disso é visto como algo estranho, pois o corpo não passa de sensações individuais.

Durante as reflexões de nossa investigação, percebemos que as mudanças relacionadas ao sistema de ensino pouco se evoluíram de lá para cá e, assim, buscar novas formas que representavam grandes desafios para as instituições escolares na construção de novos parâmetros, uma vez que, deparamos com um novo modelo de aluno, com novas representações corporais.

Os corpos que a escola mantinha rígidos, disciplinados e controlados passa a ser um grande problema dentro deste novo modelo de corpo fluido, pois o jovem fora da escola, tem a liberdade de se vestir e, ao mesmo tempo de agirem como acharem melhor, todavia, dentro

da escola devem seguir os padrões determinados pela instituição. Estes corpos reprimidos começaram a fazer parte de vários grupos e, cada um deles, tem a sua identidade legitimada, dessa forma, os alunos que não se enquadrarem aos princípios grupais, muitas vezes, são excluídos, para que isso não aconteça o aluno passa a ter várias identidades.

Diante do exposto, nos propusemos a investigar sobre o corpo, uma vez que ele é fonte extrema de estigmas e preconceitos. Por se tratar de um desafio permanente e, ao mesmo tempo, dar continuidade à construção de nossa investigação, permanecemos atentos à questão, o que representou para as travestis o copo no processo de escolarização no contexto das aulas de educação física escolar?

Por isso, acreditamos que este trabalho assumiu grande relevância social ao debater a questão educacional de uma parcela excluída da sociedade. Tratou-se de um estudo realizado com as Travestis na cidade de Barra do Garças/MT, com o foco em sua instituição de ensino, sobretudo, nas aulas de Educação Física Escolar. Desafios vindo da crescente inserção das Travestis não só em nosso país, bem como, no mundo, cabendo, portanto, a proteção individual e coletiva de seus direitos para que sejam capazes de atender as exigências históricas da atualidade.

Enfim, pretendíamos com o nosso projeto, ouvir o desabafo que vem das ruas, motivado pela violência que se instalou, nos últimos tempos, como um grave problema público, exigindo assim, novas políticas de proteção humana. As razões não são fáceis de serem explicadas, mas sentimos palpitar pelas diversas opiniões que este trabalho possui relevância pessoal, uma vez que, identificamos a possibilidade de estudos futuros com tal temática, bem como, impõe um norte a todo princípio de conhecimento do universo das Travestis não só nas aulas de educação física, mas para sociedade como um todo.

Como intérprete dos grandes desafios a pesquisa assumiu relevância científica por buscar alternativas de escolarização desses grupos em escolas públicas na cidade de Barra do Garças/MT, sobretudo, nas aulas de Educação Física. Diante do que foi exposto, pensamos na formação de professores dessa disciplina, como princípio de direito voltado para a sua funcionalidade social e cultural, ou seja, um sistema em perfeita sintonia com os acontecimentos na atualidade. É um caminho que deve ser seguido por todos os encarregados na elaboração de normas de proteção as Travestis em espaços não só escolares, sobretudo, sociais. Uma vez que, não temos uma cultura de proteção aos diferentes e aos marginalizados.

Em face desses grandes desafios decidimos enfatizar este tema, a fim de colocar em relevo a necessidade que a sociedade possui de iniciar um movimento que venha mudar essa

cultura discriminatória, principalmente, a que está na raiz do preconceito e da descriminalização. Marcada tanto pela impunidade como pelo desrespeito aos direitos e garantias de todos os seres humanos.

O olhar do pesquisador: vivências e escolhas das participantes nos diversos âmbitos da pesquisa

Na esteira do aporte metodológico da pesquisa, fez-se necessário ter uma definição concreta do conhecimento relacionado à diversidade de posturas corporais, distinguindo-a de outras áreas. Uma vez que, há inúmeras interpretações não só acadêmicas, mas sobretudo, em atividades culturais, principalmente, em contextos de preconceitos vividos tradicionalmente nas práticas já incorporadas na comunidade, desde as gerações passadas. Assim, apresentamos a metodologia que utilizamos na pesquisa, bem como, os métodos para a geração dos dados que serão apresentados no decorrer de nossas ações. Nessa vertente conceitual, por se tratar de um assunto delicado, utilizamos a pesquisa qualitativa com características etnográfica, seguindo os seguintes passos: 1) levantamento do referencial bibliográfico, fundamentando-se em autores como como: Bauman (2005), Rizzo (2014), Sennet (2003), SOARES, (2012), entre outros, 2) entrevista semiestruturada com um grupo de travestis da cidade de Barra do Garças. 3) análise e apresentação de dados.

Sabemos que são inúmeras as questões que envolvem a relação entre as travestis e a sociedade, assim, as perguntas foram elaboradas a fim de que não pudessem trazer nenhum desconforto as entrevistadas, entretanto mesmo com todo cuidado não foi uma pesquisa fácil de ser realizada, pois o público não era do meu convívio e, dessa forma, surgiram vários preconceitos que deveriam ser rompidos tanto por mim, como pelas entrevistadas.

Para a primeira entrevistada, marcamos um diálogo inicial, a mesma foi atenciosa e prestativa, respondendo às perguntas apresentadas. As outras entrevistadas marcaram várias vezes e, ao chegar no dia desmarcavam, porém, com muita insistência, uma delas cedeu-nos a entrevista, para isto, tivemos que marcar outra data e outro local. Para nossa surpresa ao chegar ao lugar combinado, deparamos com mais quatro jovens que se apresentaram como travestis, assim o ambiente foi de muita preocupação e desconforto, uma vez que, a nossa entrevistada, abriu a porta da sua casa, para um estranho, que iria tratar de assuntos fora do habitual, ou seja, de perguntas que elas não eram acostumadas a falar.

Notamos que, a primeira entrevistada estava visivelmente nervosa, pois não conseguia controlar suas emoções, tremia muito em nossa presença e, assim, toda vez que ela errava, ou acreditava que poderia responder melhor pedia para recomeçar a gravação.

É oportuno ressaltar que a segunda entrevistada estava mais calma respondendo tudo com tranquilidade, mostrando em suas falas que ainda não tinha tantas mudanças no corpo o que, por um lado era bom, pois não havia enfrentado nenhum problema discriminatório na escola.

Já a terceira entrevistada não queria responder o questionário, falava que “tinha vergonha, e que se nós poderíamos deixar para outro dia”, assim, diante da insistência das colegas ela cedeu-nos a entrevista, o que aconteceu de forma calma e tranquila, uma vez que, se tratava de uma pessoa conhecida da casa de um amigo, para o encerramento de nosso compromisso, entregamos a ela nosso termo de consentimento a fim de sanar quaisquer dúvidas na utilização de sua fala.

Como a entrevista é um veículo de comunicação que aborda questões vivenciadas pelas entrevistadas no seu cotidiano e, por notarmos que muitas vezes a pessoa que, anteriormente, estava disposta a colaborar com a nossa pesquisa, de repente se negou a responder nossas perguntas, como aconteceu com a quarta pessoa a ser questionada. Já a nossa quinta entrevistada mostrou-se muito curiosa por saber algumas questões relacionadas a nossa pesquisa. Queria saber alguns posicionamentos relacionados ao conteúdo, ou seja, sobre a situação concreta vivenciada pelas Travestis não só no contexto de sala de aula, mas em toda esfera nacional. Especialmente, no que diz respeito à luta pela liberdade e o reconhecimento dos seus direitos. Assim, fomos recebidos em sua casa, foi muito prestativa, atenciosa e estava à vontade, fazendo com que as perguntas fluíssem de uma forma tranquila, sem constrangimento.

O Discurso em Ação: tecendo reflexões sobre as Travestis em Barra do Garças/MT

Como debatido no decorrer do trabalho, o corpo sempre se modificou na cultura na qual ele está inserido, pois muitas vezes, notamos que o corpo é visto como fonte de prazer, de repressão e, sobretudo, como fonte de preconceito e estigmas.

Neste visor, merece destaque, aqui as sábias reflexões de nossas entrevistadas. Salientamos que o processo se desenvolveu a partir de ações humanas. Dessa forma,

analisamos o discurso na íntegra de cada entrevistada, para se compreender de que forma a escola interviu no processo de suas vidas, considerando os discursos de suma importância para se entender a história, embora esses discursos remetam ao passado de cada uma delas, que diretamente ou indiretamente refletem aos seus futuros. Portanto, as perguntas foram relacionadas ao contexto escolar, a fim de que pudéssemos entender de que forma a escola legitima tais situações, para tanto, tomaram-se em relevo do princípio básico: o corpo.

O motivo especial para o desenvolvimento de nossa pesquisa foi a descrição das Travestis sobre a situação vivida em espaços escolares, especialmente na forma de resistência voltada para o setor educacional, político e social.

Ao analisarmos as respostas das entrevistadas para a pergunta 01 “Como foi o seu processo de escolarização?”

ENTREVISTADA 01. “Processo de muita turbulência, perseguição, lutas de muitas pessoas, meninos principalmente. Dificultoso!”.

ENTREVISTADA 03: “Assim, eu já tive algumas dificuldades, pelo fato de eu ser gay, e eu sempre ter um lado sempre mais feminino, entendeu? E o pessoal sempre implicou comigo, mais isso foi no ensino médio, no ensino fundamental nunca tive nenhum problema, mais meu ensino médio eu tive muitas brigas por conta do meu comportamento mais feminino e não ser igual aos meninos entendeu?”

ENTREVISTADA 05: “olha eu posso dizer pra você que eu, pra mim foi perfeito, normal, até certo tempo eu decidir o que eu era, o que eu queria ser, né? Ai a partir da oitava série você começa a definir o que você é, o que você quer ser, ai começa as discriminações, que você não é menino e nem menina, você é o que então? Então aí começa a sua pergunta, começa suas dúvidas, começa seus emblemas [...]”.

De acordo com a resposta das entrevistadas, tivemos a oportunidade de observar que na maioria das vezes, a escola deixa de ser um local que ensina a ciência para ser um local de confrontos pessoais. Uma vez que, as pessoas deveriam ser agentes de transformação na história, na derrubada do preconceito, do racismo e, não, conservadores das desigualdades.

Nos atuais acontecimentos históricos, percebemos que as pessoas para firmarem sua identidade é necessário criticar as identidades dos que são diferentes.

De acordo com Rizzo (2014, p. 109), “a escola se torna um palco de experiências dessa amplitude, um local em que os alunos têm a possibilidade de legitimar uma identidade, ou seria correto afirmar que antes de tudo são influenciados por outras”.

Ao pensarmos que a instituição escola é um local de inclusão nos deparamos com as falas das entrevistadas nos relatando totalmente o oposto, pois existe no processo de ensino aprendizagem a subjetividade, que normalmente é esquecida, assim um olhar, um riso, uma piadinha, um comentário, afeta fortemente o espaço escolar.

Com relação à segunda questão “*Como foi para você a exposição do seu corpo nas aulas de educação física na escola?*”

Apesar de as entrevistadas 03 e 04 terem afirmado que as aulas foram normais e tranquilas, principalmente, pelo fato de não ter muita modificação. Percebemos no posicionamento da Entrevistada 03 que, de acordo com as respostas das primeiras entrevistadas, somente foi possível fazer educação física, quando elas eram inseridas nos grupos das mulheres.

ENTREVISTADA 01: “No início eu estava com os homens né? Não foi muito bom, não tinha nem como fazer educação física, mas o professor, me colocou para fazer educação física, junto com as mulheres, foi bom”.

ENTREVISTADA 02: “A meu corpo foi modificado, modificando pelos doze anos de idade, então eu não sofri muito preconceito dentro da escola não, porque eu sempre ficava com as meninas né? Sempre jogava vôlei só, nunca joguei futebol porque eu não gostava”.

Ainda, a entrevistada 05 destacou a vergonha sentida durante as aulas, bem como, a vontade de participar de outras modalidades esportivas, além do futebol e vôlei, tais como atletismo, natação o que destacamos em seguida,

ENTREVISTADA 05: “Eu tinha muita vergonha, porque eu era magro demais e sempre tinha assim, aquele lado das coisas mais masculinas, aquelas assim mais ligadas a exercícios de homens, jogar bola e isso nunca me interessou, vocês que está fazendo educação física, tem que ter ou terão que ter a partir de agora um cuidado para saber mesclar, a atividade que o sujeito quer, que o sujeito se dá bem, não é que quer dizer que... eu jogava bola eu jogava futebol sim, mais jogar futebol hoje qualquer mulher qualquer uma joga, mais eu não queria futebol, e por isso muitas vezes eu entrava com atestado, porque as atividades propostas dentro do currículo da Educação Física que era, vôlei, jogar futebol, era o que tinha, e isso não me interessava, agora se tivesse natação, tivesse um atletismo, né? Tive uma outra coisa que me atraísse “mais atenção”, talvez eu teria entrado, agora nessa época eu não entrei não, sempre recorri ao atestado, porque aquilo ali era chato, monótono, enjoativo, cansativo, tudo aquilo que é cansativo, enjoativo, nos dá preguiça nos dá falta de animo, então eu preferia mais fazer a prova teórica e pronto”.

É importante salientar que, a educação física sempre foi pensada em um modelo propriamente masculino, usada independente da época, para aperfeiçoar ou controlar corpos. Os corpos dos homoafetivos é a representação da indisciplina. Embora, elas gostassem de ser inseridas em grupos de mulheres, percebemos que eram excluídas do processo educacional. A chegada da educação física como componente curricular não veio com outra intenção a não ser controlar e preparar o homem para o trabalho, conforme os argumentos de Soares,

A educação física será a própria expressão física da sociedade do capital. Ela encarna e expressa os gestos automatizados, disciplinados, e se faz protagonista de um corpo “saudável”; torna-se receita e remédio para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade, e, desse modo, passa a integrar o discurso médico, pedagógico. Familiar (SOARES, 2012, p. 6).

Como a educação física escolar ainda apresenta traços do esporte como único elemento a ser ensinado, a forma com que as travestis vivenciaram ou observaram as aulas, pode ter ocasionado a separação de ‘esportes masculinos’ e ‘esportes femininos’.

Neste contexto, é imperativo afirmar que, no decorrer das entrevistas notamos que as entrevistadas faziam educação física com as mulheres, alegando jogar apenas vôlei, uma vez que, o vôlei, a ginástica e a dança remetem a atividades femininas. Mesmo depois de séculos, a mídia ainda faz uma apologia ao esporte, trazendo até os dias atuais esta separação de gênero, refletindo diretamente nas aulas de educação física escolar.

Esta questão teve por objetivo mostrar a importância que a imagem corporal tem diante das instituições, principalmente, a escola. Que tem se firmado mundialmente como uma instituição educacional, responsável e de grande expressividade sociocultural. Este tipo de instituição exige também extrema lucidez e compreensão. Cada educador deve compreender, o que realmente, um aluno significa, uma vez que, carregam consigo os ideais de uma sociedade, compartilham desejos, anseios, metas, bem como, sucessos e fracassos, sobretudo, um elemento que é peculiar a todos a força do querer.

Outro fator a se considerar é que, com o desenrolar da história da sociedade, inicia-se um novo tempo, um novo conceito de corpo e de identidade, denominado fluido. Portanto, analisaremos a partir de algumas falas das entrevistadas, como o corpo marcou o seu processo de escolarização.

A entrevistada 02 remete a mudança corporal com a sua idade, como pode ser percebido na fala: *“O meu corpo foi modificado, modificando pelos doze anos de idade, então eu não sofri muito preconceito dentro da escola não, porque eu sempre ficava com as*

meninas NE?” Nesta faixa etária, o seu corpo biológico sofre alterações, passando a ter uma maior representação social, pois é nesta fase que os corpos se definem como masculinos ou femininos. Esta fase é conhecida por puberdade.

No decorrer de seu discurso notamos claramente qual foi o período em que a entrevistada considerou um marco do seu corpo e, após as mudanças, ela justifica porque não teve problemas dentro da escola, dizendo que sempre ficava com as meninas. Desta forma, é possível afirmar que ela não sofreu muito preconceito por ter aderido ‘a um novo grupo’, o das meninas.

Já para a entrevistada 03, o problema não foi o corpo, mas como ela se comportava. Portanto, o corpo está fortemente ligado aos comportamentos que o sujeito tem diante a uma sociedade, em que a identidade e comportamento são definidos pelo sexo biológico e se alicerçam em costumes tradicionais, educando seres humanos politicamente com suas características do que é ‘ser homem ou mulher’.

Na fala da entrevistada 05 “*A partir da oitava série você começa a definir o que você é, o que você quer ser, aí começa as discriminações, que você não é menino e nem menina, então, o que você é?*” Este discurso vem permeando as gerações, entretanto, o novo discurso da pós-modernidade diz que os corpos são fluidos juntamente com a sexualidade. Todavia, este discurso pós-moderno não condiz com a realidade das entrevistadas, pois, notamos que o corpo sempre esteve reprimido e disciplinado para manter-se num padrão normativo.

O fato de que a sociedade sempre sonha com a pureza da sua humanidade, acaba por excluir os que não se enquadram neste contexto de corpo e sexualidade definida ou padronizada. Por meio desta normatividade se espalha a homofobia. Com determinação e competência não foi difícil para o governo, a fim de que propusesse um projeto Escola Sem Homofobia e, dessa forma, tentar solucionar este problema nas instituições públicas escolares, além de cumprir um importante papel na vida de muitas pessoas, o programa sofreu várias críticas e, assim, desapareceu de circulação.

Percebemos em todas as suas vertentes como o sistema funciona, bem como, quem prevalece diante dos direitos humanos, sendo eles, sobretudo, a parte conservadora da sociedade, ditando o que é correto ou não e, principalmente, os que não se encaixam diante de situações de *bullying* e baixa estima, acabam suprimidos pela maioria.

Considerações Finais

A partir do discurso das entrevistadas e as análises de dados, percebemos que o conceito de corpo e sexualidade no século XXI, é diferente da Idade Média. Mesmo assim, as instituições de ensino, ainda permanece fortemente ligada a esses princípios, o que leva, a sociedade viver em um conflito diário com a escola, uma vez que, ela vivencia o século XXI com o olhar do século XVI, gerando uma série de implicações que vão muito além das diferentes formas de compreender o corpo. Essa atitude, muitas vezes, gera resultados negativos, nos programas promovidos pelas instituições escolares, com a adesão do preconceito e discriminações, não permitindo o exercício de reflexão em suas práticas educativas.

Diante das exigências da contemporaneidade, bem como, do desenvolvimento social é necessário que surjam novas práticas e novas formas de intervenção profissional, a fim de que, possam cumprir o seu verdadeiro papel no sentido de combater as desigualdades, respeitando as diversidades e, dessa forma, fazer das pessoas que são diferentes, um recurso a ser explorado em benefício de um grupo que se julga tão discriminado.

Diante do exposto, julgamos que é preciso, urgentemente, criar uma política de inclusão das travestis, a fim de que favoreça o acolhimento de outras, não pelas formas corporais que elas exibem, mas sobretudo, pelo o que elas são, independentemente, de suas diferenças.

Assim, a segurança participativa dessas travestis passa a ser vista não apenas como um fator democrático ou um simples cumprimento dos deveres políticos e educacionais, mas, sobretudo, ganhar um caráter mais abrangente de conhecimentos necessários sobre a vida das travestis não só em ambiente escolar, mas sobretudo, como forma de valorização dos seres humanos.

Conforme Bauman (1998), mesmo com os avanços e mudança que a sociedade passou, o homem ainda sonha com a pureza da humanidade em que tudo seria em sua perfeita ordem, sendo assim, todos aqueles que não seguem o padrão são vistos como desorganizadores e muitas vezes condenados a marginalidade por não se enquadrarem no sistema socialmente, estabelecido.

A educação física escolar, assim como outras disciplinas curriculares, não se modificou como as práticas sociais, pois ao analisar as falas das entrevistadas percebemos que nas aulas diárias o que predominava, independentemente, do gênero era as práticas esportivas,

mesmo com as campanhas de inclusão escolar, o pensamento predominante é o esporte. Tendo como lema, praticar e vencer, assim, o corpo necessitava de disciplina e, um bom preparo, o que não era o caso das travestis, uma vez que, cada modalidade deveria ser executada de forma correta, de acordo com o design corporal.

Os paradigmas marcados pelos padrões esportivos que a educação física passou a exigir, foram rompidos, uma vez que, as travestis não se encaixariam nessa modalidade. O assunto é delicado, são inúmeras as questões que envolvem a relação entre as práticas esportivas e as travestis. A todo momento há discussões sobre a participação das travestis nos esportes escolares, uma vez que elas não poderiam participar de alguns jogos no grupo feminino, por terem sua fisiologia masculina, assim, desconsiderar essa realidade na aplicação de algumas normas, bem como, na interpretação dos limites corporais, pode constituir um grave erro.

É necessário que compreendamos que o maior entrave nas relações com as Travestis, não se dá pelas transformações corporais, mas, sobretudo, por questões de preconceitos e aceitação do diferente. Podemos dizer que há dois parâmetros básicos a serem seguidos, se somos favoráveis e respeitamos a individualidade desses seres humanos ou se somos contra, o que verdadeiramente importa é a forma com que nos interagimos e nos conectamos com as Travestis no seu cotidiano. Esta análise deve ser realizada sempre, para que todos os dias, estejamos mais distantes das ações preconceituosas.

Vê-se, portanto, que inúmeras situações que configuram corpos das travestis precisam ser repensadas com novas mentalidades, ideais e competências, mesmo que os professores as inserissem no grupo feminino, elas provavelmente, não se encaixariam, uma vez que, eram excluídas.

Dessa forma, é preciso avançar em uma agenda que contemple as questões culturais e sociais mais abrangentes relacionadas as Travestis como um fator preponderante que nos propiciará chegar a um lugar de destaque no panorama mundial. Não se trata de escolhas excludentes, mas de ações complementares, com habilidades e competência, a fim de preservar o futuro sem, no entanto, comprometer o presente. Com a nossa pesquisa, percebemos que a necessidade de mudança é o grande desafio de cada manhã, principalmente, nas instituições de ensino. O preconceito e a discriminação precisam ser repensados, assim como as instituições educacionais e a sociedade como um todo. Precisamos reencontrar nossas raízes humanas e recriar uma nova identidade de aceitação do diferente, do novo.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

JÚNIOR, Eudes Quintino de Oliveira. De quem é o filho? **Consulex**, Brasília, v. 16, n. 363, p. 20-21, mar. 2012.

PIRES, B. F. **O corpo incisivo, vazado, transmutado**: inscrições e temporalidade. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2009.

POLETTI, Ronaldo Rebelo de Brito. Reflexões sobre a democracia. **Consulex**, Brasília, v. 18, n. 420, p. 10, jul. 2014.

RIZZO, D. T. S.; SUTTANA, R. N. Sinais de identidade cultural na escola: pensar o corpo no contexto das aulas de educação física. *In: (Re) pensar o sujeito contemporâneo*: educação, corpo e subjetividade. ZILIANI, Rosemeire de Lourdes Monteiro; RIZZO, Deyvid Tenner de Souza (org.). Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

SENNETT, R. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOARES, C. L. **Educação física**: raízes europeias e Brasil. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.